

Violências e práticas de extermínios na execução e na repressão aos assaltos contra bancos¹

Jania Perla Diógenes e Aquino²

Introdução

Na atualidade, os assaltos contra bancos no Brasil se caracterizam por violências ostensivas, manifestadas em abordagens truculentas e ruidosas de quadrilhas, cujas ações são registradas principalmente em cidades pequenas e médias³. Embora haja diversas variações de uma ocorrência para outra, são crimes que costumam ser executados por dezenas de homens fortemente armados, que atacam forças de segurança pública locais, fazem reféns, utilizam explosivos e danificam sedes de bancos e empresas de guardavalores. Enfrentamentos com equipes policiais e desfechos letais são recorrentes nestas ações que, desde os anos 2000, vêm resultando em mortes de reféns, assaltantes e policiais. Tais roubos produzem comoção social e impactos psicológicos sobre os moradores das cidades onde têm sido executados. Este artigo busca elucidar as circunstâncias em que se dá esta modalidade truculenta de ataques contra bancos, os confrontos armados que desencadeiam, assim como as mortes de assaltantes, policiais e reféns.

1 Este artigo compila uma parte dos resultados da pesquisa “Dinâmicas da Violência na Execução e Repressão ao “Novo Cangaço” no Brasil”, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

2 Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, pesquisadora do Laboratório de Estudos da Violência-LEV.

3 De acordo com o IBGE, cidades pequenas são aquelas com até 100 mil habitantes, enquanto cidades médias são aquelas com população entre 100 e 500 mil habitantes.

Serão analisadas as violências desferidas pelas quadrilhas, os contextos e as dinâmicas sociais de perseguições e caçadas policiais ávidas por triunfalismo bélico e que resultam no extermínio de assaltantes. A pesquisa é baseada em um levantamento junto a periódicos e portais de notícias brasileiros, em declarações e falas de policiais e delegados de polícia, veiculadas pela imprensa.

O fenômeno dos assaltos contra bancos no Brasil ganhou considerável visibilidade pública nos anos seguintes ao golpe militar de 1964. Naquele período, essas ocorrências e os sequestros de relevantes figuras do cenário político foram realizados por militantes de grupos contrários ao governo ditatorial, instituído pelo golpe. Eram assaltos “políticos”, como a imprensa os tratava. O dinheiro obtido com tais ações armadas era canalizado para o financiamento de atividades políticas contrárias ao regime militar. Posteriormente, os assaltos contra bancos no país passaram a ser efetuados pelo chamado “crime comum” e, a partir dos anos de 1980, tiveram como protagonistas mais notórios integrantes do Comando Vermelho (CV), coletivo criminal que nasceu em 1979, na prisão de Ilha Grande, litoral do Rio de Janeiro, como desdobramento do convívio entre “presos comuns” e “presos políticos” da ditadura. Naquele decênio, o CV realizou assaltos contra bancos, carros fortes e joalherias em diversas regiões do Brasil, canalizando o dinheiro roubado para organizar fugas de detentos e otimizar o tráfico de drogas nas periferias do Rio de Janeiro (Amorim, 1993⁴; Lima, 2001⁵). Consolidando-se na distribuição e no tráfico de drogas na década seguinte, as cúpulas do Comando Vermelho pararam de organizar assaltos contra instituições financeiras, que deixaram de ser uma atividade relevante para esta facção criminal.

4 AMORIM, Carlos. *Comando Vermelho: a história secreta do crime organizado*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

5 LIMA, William S. *Quatrocentos contra um: uma história do Comando Vermelho*. 2. ed. São Paulo: Labor Texto, 2001.

Desde meados dos anos de 1990, o coletivo criminal vinculado aos assaltos contra bancos, principalmente aqueles cujas somas subtraídas ultrapassam oito dígitos, tem sido o Primeiro Comando da Capital (PCC), fundado na Casa de Custódia de Taubaté, estado de São Paulo, em 1993 (Biondi, 2010⁶; Dias, 2012⁷), que veio se tornar a facção criminal com a maior quantidade de membros e que movimenta maiores quantias no país (Feltran, 2018⁸). Apesar do protagonismo que exerce no mercado ilegal dos roubos contra bancos no Brasil, o PCC não o monopoliza e a maior parte destes assaltos ainda ocorre sem a participação dos seus membros (Aquino, 2019⁹). Até o decênio de 1990, nas ocorrências contra bancos predominavam ações com etapas bem definidas: grupos de três ou quatro assaltantes, armados de revólveres ou pistolas, adentravam as agências bancárias, rendiam funcionários e clientes, levavam todo o dinheiro da bateria de caixas e do cofre, partindo em fuga, de modo súbito, a bordo de veículos ou motos. Havia casos em que estas ocorrências se realizavam de “modo discreto” e silencioso e eram chamadas, no universo social dos “ladrões de banco”, de assaltos “no sapatinho”, expressão disseminada naquele período em referência a ações caracterizadas por astúcia, sagacidade e esperteza. Mas também havia assaltos em que as quadrilhas efetuavam disparos e agiam com estridência, causando pânico no interior dos estabelecimentos bancários e em suas vizinhanças. Entre assaltantes, estas ações eram denominadas “assalto no vapor”, em alusão à umidade liberada por painéis de pressão sob fogo alto – dizia-se que nesses roubos as quadrilhas tratavam

6 BIONDI, Karina. *Junto e misturado: uma etnografia do PCC*. São Paulo: Terceiro Nome, 2010.

7 DIAS, Camila C. N. *Da pulverização ao monopólio da violência: expansão e consolidação da dominação do PCC no sistema carcerário paulista*. Tese de Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, 2012.

8 FELTRAN, Gabriel de S. *Irmãos, uma história do PCC*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

9 AQUINO, J. P. D. Pioneiros: o PCC e o a Especialização no Mercado dos Grandes Roubos. *Journal of Illicit Economies and Development*, v. 1, n. 2, 2019.

de colocar “pressão” sobre seus oponentes, fossem reféns ou vigilantes de bancos (Aquino, 2008¹⁰, 2023a¹¹).

Ainda no fim dos anos 1990, os bancos brasileiros começaram a investir em melhorias nos sistemas de segurança de suas agências, instalando câmeras e portas giratórias com detectores de metais e alarmes. Visando “contornar” os efeitos desses equipamentos nos estabelecimentos bancários, quadrilhas de assaltantes acionaram novas técnicas de abordagens “discretas” e até “burlescas”, entre as quais o uso de armas de brinquedo. Assim, os vigilantes armados de bancos eram rendidos com revólveres de plástico e, em seguida, outros assaltantes com armas “de verdade” entravam nas agências para concretizar os roubos. Algumas ocorrências contavam com a participação de mulheres nas abordagens. Uma das táticas utilizadas era o uso de hábitos de freiras, portando simulacros de bíblias, que na realidade escondiam uma ou duas pistolas. Sem suspeitar dessas personagens, os seguranças acreditavam que os detectores de metais estavam com defeito e liberavam a entrada das “religiosas” (Aquino, 2023a¹²). Nos anos 2000, uma nova e “promissora” metodologia de assaltar bancos foi elaborada por integrantes do PCC, no estado de São Paulo, tendo se disseminado rapidamente em todo o país. Tratava-se dos assaltos efetuados por meio do sequestro das famílias dos gerentes das agências bancárias. Diante de familiares sob ameaça, mantidos em cárcere privado, muitas vezes em suas próprias casas, estes profissionais se viam obrigados a introduzir as quadrilhas nas agências bancárias e lhes conceder acesso aos cofres. Embora o uso da violência física fosse evitado nesses assaltos, seus participantes recorriam à

10 AQUINO, J. P. D. Performance e Empreendimento nos Assaltos contra Instituições Financeiras. *Antropolítica* (UFF), v. 2, p. 139–158, 2008.

11 AQUINO, J. P. D. Abordagens truculentas e domínio de cidades brasileiras em assaltos contra bancos mediante planejamento minucioso. *Sociologias* (UFRGS), v. 25, p. 1–34, 2023a.

12 Idem.

violência psicológica para ameaçar e submeter os reféns, como demonstrei em trabalhos anteriores (Aquino, 2010a,¹³ 2010b¹⁴).

Também nos anos 2000, foram recorrentes os assaltos viabilizados pela construção de túneis: quadrilhas alugavam imóveis próximos aos estabelecimentos visados, empreendiam escavações e, por vias subterrâneas, acessavam seus cofres. Tal estratégia permitiu diversos furtos, cujas quantias subtraídas ultrapassaram sete dígitos, dentre eles a ação contra a agência do Banco Central, localizada em Fortaleza, no ano de 2005, de onde foram retirados R\$ 156 milhões, registrada como o maior assalto da história do Brasil. Naquele período, táticas de abordagens silentes e traiçoeiras atraíam mais os assaltantes. Apesar de envolverem altas cifras e menores riscos às quadrilhas e aos reféns, estas modalidades mais “discretas” e astuciosas de assaltos se tornaram raras. Os assaltos contra bancos mais recorrentes no país, a partir da década de 2010, têm sido exatamente os que são focalizados neste artigo, cuja execução é truculenta e ruidosa. Mas este crescimento estatístico não decorreu de escolhas das quadrilhas, foi propiciado, sobretudo, pelos contínuos e vultosos investimentos das instituições financeiras em sofisticados sistemas de segurança. Além de reforçar a segurança de funcionários que gerenciam a circulação de numerais, os bancos modificaram o acesso a seus cofres, que, atualmente, são programados para abrir apenas uma vez por dia; também foram instalados sensores, capazes de detectar perfurações e construções subterrâneas nas proximidades dos estabelecimentos financeiros. Tais medidas inviabilizam assaltos baseados em truques ou aproximações sutis, e prescindem de disparos e enfrentamentos. Limitadas em suas chances de êxito com abordagens mais burlescas, restaram às quadrilhas ações em que dezenas de homens fortemente armados, como um pequeno exército, atacam unidades

13 AQUINO, J. P. D. Príncipes e Castelos de Areia: *Um estudo da performance nos grandes roubos*. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2010a.

14 AQUINO, J. P. D. Redes e Conexões Parciais nos Assaltos contra Instituições Financeiras. *Dilemas*, v. 4. 2010b.

de Segurança Pública e implodem agências bancárias. Embora já ocorresse esporadicamente no Brasil desde os anos 2000, este tipo de roubo aumentou tão logo aqueles baseados em artimanhas ou violências psicológicas se tornaram inexequíveis.

Mesmo aparentando impulsividade, os assaltos baseados em abordagens impactantes pouco têm de improvisados, constituem intrincadas operações criminais que demandam semanas de levantamento de dados, elaboração do plano e deliberações coletivas sobre cada detalhe da execução e fuga das quadrilhas (Aquino, 2023a,¹⁵ 2020¹⁶). Uma contingência destes roubos mais agressivos e estridentes foi a mudança de perfil nas ações contra bancos. Se até os anos de 2010 estes crimes não apresentavam elevados índices de letalidade, com a disseminação das ações viabilizadas pelo domínio de cidades inteiras por quadrilhas fortemente armadas, as trocas de disparos, as mortes de reféns e transeuntes, assim como os óbitos resultantes de confrontos entre assaltantes e polícia, tornaram-se recorrentes.

O fenômeno dos assaltos contra bancos viabilizados por ações truculentas.

No contexto da América do Norte e da Europa, verificam-se relevantes discussões nas áreas de Ciências Sociais e Criminologia que focalizam roubos e outros crimes contra o patrimônio, consolidadas em um vasto repertório de publicações, a começar pela pioneira pesquisa de Sutherland (1937)¹⁷ sobre ladrões profissionais, que foi sucedida por outros instigantes trabalhos, desenvolvidos em maior quantidade na segunda metade do século XX. Vale apontar alguns eixos temáticos ou analíticos que se destacam nessa

15 AQUINO, J. P. D. Abordagens truculentas e domínio de cidades brasileiras em assaltos contra bancos mediante planejamento minucioso. *Sociologias* (UFRGS), v. 25, p. 1-34, 2023a.

16 AQUINO, J. P. D. Saiba o que mudou nos roubos a bancos nas últimas décadas. *Boletim Fonte Segura*, São Paulo, p. 1-4, 11 dez. 2020.

17 SUTHERLAND, Edwin. *Professional thief*. Chicago: University of Chicago Press, 1937.

bibliografia, tais como a motivação dos roubos (Katz, 1988),¹⁸ oportunidades de realização da ação criminal, sua elaboração e técnicas (Cloward; Ohlin, 1960;¹⁹ Best; Luckenbill, 1982²⁰; Sykes; Matza, 2008²¹), decisões relacionadas à execução desses crimes, emprego de violência e uso de armas (Luckenbill, 1981²²; Cornish; Clark, 1985²³; Tedeschi; Felson, 1994²⁴; Wright; Decker, 1997;²⁵ Matthews, 1996²⁶, 2002²⁷), carreira criminal (Sutherland, 1937²⁸; Einstadter, 1966²⁹), características e habilidades de praticantes dos roubos (Gill, 2000³⁰; Wright; Decker, 1997³¹), a experiência do crime

18 KATZ, Jack. *Seductions of crime: moral and sensual aspects of doing evil*. Nova York: Basic Books, 1988.

19 CLOWARD, Richard A.; OHLIN, Lloyd E. 1960. *Delinquency and opportunity*. Nova York: Free Press, 1960.

20 BEST, Joel; LUCKENBILL, David F. *Organizing deviance*. Nova Jersey: Prentice-Hall, 1982.

21 SYKES Gresham M.; MATZA, David. Técnicas de neutralización: una teoría de la delincuencia. *Caderno CRH*, v. 21, n. 52, p. 163-170, 2008.

22 LUCKENBILL, David. Generating compliance: the case of robbery. *Journal of Contemporary Ethnography*, v. 10, n. 1, p. 25-46, 1981.

23 CORNISH, Derek; CLARK, Ronald. "Modeling offenders decisions": a framework for research and policy. In: TONRY, M.; MORRIS, N. (orgs.). *Crime and justice*. Chicago: University of Chicago Press, 1985.

24 TEDESCHI, James; FELSON, Richard. *Violence, aggression, and coercive actions*. Washington: American Psychological Association, 1994.

25 WRIGHT, Richard; DECKER, Scott. *Armed robbers in action*. Boston: Northeastern University Press, 1997.

26 MATTHEWS, Roger. *Armed robbery: Two police responses*. Crime detection and prevention. Series paper n. 78. London: Home Office Police Research Group, 1996

27 MATTHEWS, Roger. *Armed robbery*. Devon: Willan, 2002.

28 SUTHERLAND, Edwin. *Professional thief*. Chicago: University of Chicago Press, 1937.

29 EINSTADTER, Werner J. *Armed robbery: a career study in perspective*. PhD Thesis, University of California, Berkeley, 1966.

30 GILL, Martin. *Commercial robbery: offenders perspectives on security and crime prevention*. Londres: Blackstone Press, 2000.

31 WRIGHT, Richard; DECKER, Scott. *Armed robbers in action*. Boston: Northeastern University Press, 1997.

como trabalho ou negócio (Letkemann, 1973³²; Gill, 2001³³), contingências, riscos e meios de manipular o medo ou controlar a reação das “vítimas” (Cohen; Felson, 1979³⁴; Luckenbill, 1981³⁵; Katz, 1988³⁶; Linger, 1992³⁷; Tedeschi; Felson, 1994³⁸; Wright; Decker, 1997³⁹; Jacobs, 2012,⁴⁰ 2013⁴¹; Lindergaarden; Bernasco; Jacques, 2015⁴²; Tark; Kleck, 2004⁴³), dificuldades impostas aos assaltantes e tipologias de roubos (Normandeau, 1968⁴⁴; McCluskey, 2013⁴⁵).

No Brasil, embora tenham aumentado nos anos 2010, ainda são escassas as pesquisas sobre roubos e furtos, sobretudo quando comparadas

32 LETKEMANN, Peter. *Crime as work*. Nova Jersey: Prentice-Hall, 1973.

33 GILL, Martin. The craft of robbers of cash-in-transit vans: crime facilitators and the entrepreneurial approach. *International Journal of the Sociology of Law*, v. 29, n. 3, p. 277-291, 2001.

34 COHEN, Lawrence; FELSON, Marcus. Social change and crime trends: a routine activities approach. *American Sociological Review*, 44, p. 88-100, 1979.

35 LUCKENBILL, David. Generating compliance: the case of robbery. *Journal of Contemporary Ethnography*, v. 10, n. 1, p. 25-46, 1981.

36 KATZ, Jack. *Seductions of crime: moral and sensual aspects of doing evil*. Nova York: Basic Books, 1988.

37 LINGER, Daniel T. *Dangerous encounters*. Stanford: Stanford University Press, 1992.

38 TEDESCHI, James; FELSON, Richard. *Violence, aggression, and coercive actions*. Washington: American Psychological Association, 1994.

39 WRIGHT, Richard; DECKER, Scott. *Armed robbers in action*. Boston: Northeastern University Press, 1997.

40 JACOBS, Bruce. Carjacking and copresence. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, v. 49, n. 4, p. 471-488, 2012.

41 JACOBS, Bruce. The manipulation of fear in carjacking. *Journal of Contemporary Ethnography*, v. 45, n. 5, p. 523-544, 2013.

42 LINDERGAARDEN, Marie R.; BERNASCO, Wim; JACQUES, Scott. Consequences of expected and observed victim resistance for offender violence during robbery events. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, v. 52, n. 1, p. 32-61, 2015.

43 TARK, Jungyeon; KLECK, Gary. Resisting crime: the effects of victim action on the outcomes of crime. *Criminology*, v. 20, n. 2, p. 89-116, 2004.

44 NORMANDEAU, André. *Trends and patterns in crimes of robbery*. Dissertação de Mestrado em Criminologia, University of Pennsylvania, Philadelphia, 1968.

45 MCCLUSKEY, John. A comparison of robbers use of physical coercion in commercial and street robberies. *Crime & Delinquency*, v. 59, n. 3, p. 419-442, 2013.

à quantidade de trabalhos que abordam outros crimes, como homicídios e tráfico de drogas. Esta assimetria se mostra paradoxal, pois os roubos impactam significativamente a “sensação de segurança” de moradores e visitantes das cidades brasileiras. O medo de ser assaltado tem modelado rotinas de populações urbanas no país, seus itinerários, horários e interações sociais com pessoas desconhecidas, desencadeando estigmas sobre pobres e negros, frequentemente percebidos como “assaltantes potenciais” (Martins; Corrêa; Feltran, 2020⁴⁶). Entre os estudos realizados no Brasil, vale destacar os trabalhos de Eduardo Paes Machado e seus alunos, que elucidam graus de organização em ocorrências de roubos contra variados alvos, como ônibus urbanos (Paes-Machado; Levenstein, 2004⁴⁷), ônibus intermunicipais (Paes-Machado; Viodres-Inoue, 2015⁴⁸, 2017⁴⁹), taxistas (Paes-Machado; Nascimento, 2014⁵⁰), motoboys (Paes-Machado; Riccio-Oliveira, 2009⁵¹), funcionários de bancos (Paes-Machado; Nascimento,

46 MARTINS, Luana A.; CORRÊA, Diogo S.; FELTRAN, Gabriel de S. Apresentação do dossiê Roubo, Violência e Cidade. *Dilemas*, v. 13, n. 3, p. 669–690, 2020.

47 PAES-MACHADO, Eduardo; LEVENSTEIN, C. I’m sorry everybody, but this is Brazil: armed robbery on the buses in Brazilian cities. *British Journal of Criminology*, v. 44, n. 1, p. 1–14, 2004.

48 PAES-MACHADO, Eduardo; VIODRES INOUE, Sílvia. O lado sombrio da estrada vitimização, gestão coercitiva e percepção de medo nos roubos a ônibus interurbanos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 30, n. 1, p. 9–30, 2015.

49 PAES-MACHADO, Eduardo; VIODRES INOUE, Sílvia. Perception of fear and coercive management of victims of intercity bus robberies. *Criminology & Criminal Justice*, v. 17, n. 2, p. 22–39, 2017.

50 PAES-MACHADO, Eduardo; NASCIMENTO, Ana Márcia. Conducting danger: governance, networks, and layperson security intelligence among taxi drivers. *International Journal of Comparative and Applied Criminal Justice*, v. 38, n. 1, p. 1–22, 2014.

51 PAES-MACHADO, Eduardo; RICCIO-OLIVEIRA, Maria Angélica. O jogo de esconde-esconde: trabalho perigoso e ação social defensiva entre motoboys de Salvador. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 24, n. 1, p. 91–106, 2009.

2006⁵², 2011⁵³) e, mais recentemente, roubo de celulares (Paes-Machado; Maltez, 2024⁵⁴). Trata-se de importantes estudos que analisam estes crimes na perspectiva das “vítimas”. Carolina Grillo (2013)⁵⁵, em suas pesquisas sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro, aborda a relação de assaltantes com traficantes nas favelas. Grillo e Martins (2020⁵⁶) exploram os critérios adotados por assaltantes na escolha de alvos, abordagens e as formas de mobilidade urbana que lhes são acessíveis. Diogo Caminhas (2018⁵⁷) focaliza decisões sobre planejamento, execução e uso da força por assaltantes em Belo Horizonte. Caminhas e Beato (2020)⁵⁸ destacam elementos como arma utilizada, reação da vítima, maturidade do infrator e sua interferência no desenrolar dos assaltos. Gabriel Feltran (2019)⁵⁹ analisa furtos de veículos em São Paulo, observando o percurso dessas “mercadorias” até as fronteiras do Brasil com o Paraguai e a Bolívia, onde são trocados por drogas e armas, que vêm circular nos mercados ilegais paulistanos. Em sua pesquisa sobre segurança e controle em redes de supermercados, Leonardo Ostronof

52 PAES-MACHADO, Eduardo; NASCIMENTO, Ana Márcia. Bank money shields: work-related victimisation, moral dilemmas and crisis in the bank profession. *International Review of Victimology*, v. 13, n. 1, p. 1-25, 2006.

53 PAES-MACHADO, Eduardo; NASCIMENTO, Ana Márcia. Bank employees don't go to heaven: processes of victimization of bank employees for violent crimes. In: HUTCHERSON, A. N. (ed.). *Psychology of victimization*. Nova York: Nova Science Publishers, 2011.

54 PAES-MACHADO, Eduardo; MALTEZ, Juliana C. A segurança cotidiana contra roubos de telefones celulares. *Dilemas*, v. 17, p. 1-27, 2024.

55 GRILLO, Carolina C. *Coisas da vida no crime: tráfico e roubo em favelas cariocas*. Tese de Doutorado em Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

56 GRILLO, Carolina C.; MARTINS, Luana A. Indo até o problema: roubo e circulação na cidade do Rio de Janeiro. *Dilemas*, v. 13, n. 3, p. 565-590, 2020.

57 CAMINHAS, Diogo A. *Perdeu, perdeu, isso é um assalto: uma análise dos processos de decisão, planejamento, execução e uso da força nos roubos em Belo Horizonte*. Tese de Doutorado em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

58 CAMINHAS, Diogo A.; BEATO, Cláudio. “Todo ladrão vai trabalhar com a sua mente”: O uso da força e de armas nos assaltos em Belo Horizonte, Minas Gerais. *Dilemas*, v. 13, n. 3, p. 645-667, 2020.

59 FELTRAN, Gabriel de S. (Il)licit economies in Brazil: an ethnographic perspective. *Journal of Illicit Economies and Development*, v. 10, n. 1, p. 145-154, 2019.

(2018)⁶⁰ enfatiza os impactos dos roubos de cargas, destacando estratégias de supermercados e transportadoras para prevenir esses crimes. Diogo Corrêa (2020) explora a dimensão interacional dos roubos, articulando narrativas de assaltantes com categorias analíticas propostas por G. H. Mead (1932⁶¹; 1934⁶²; 1938⁶³). Sophia Prado (2020)⁶⁴ observa negociações entre jovens assaltantes e vítimas, enfatizando ganhos existenciais aos primeiros, que vivenciam os roubos como momentos de deleite e performance.

Entre as pesquisas específicas sobre assaltos contra instituições financeiras que privilegiam a perspectiva de seus praticantes, há o estudo de Edmilson Lopes Junior (2006)⁶⁵, que focaliza as quadrilhas e o caráter instrumental das relações entre assaltantes, e os trabalhos da autora deste texto, que exploram as diferentes fases e o caráter sistêmico dessas investidas, a divisão de tarefas entre seus participantes (Aquino, 2004⁶⁶), a racionalidade teleológica que as atravessam (Aquino, 2004⁶⁷, 2008⁶⁸), a competência técnica dos assaltantes e “compensações” obtidas nesses roubos (Aquino,

60 OSTRONOFF, Leonardo J. Vigilância, controle e tecnologia: um estudo sobre o setor supermercadista em São Paulo. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, v. 23, p. 127–140, 2018.

61 MEAD, George H. *The philosophy of the present*. La Salle: Open Court, 1932.

62 MEAD, George H. *Mind, self, and society: from the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: University of Chicago Press, 1934.

63 MEAD, George H. *The philosophy of the act*. Chicago: University of Chicago Press, 1938.

64 PRADO, Sophia. Vivendo o roubo: Um momento de adrenalina, deleite e performance, Minas Gerais. *Dilemas*, v. 13, n.3, p. 669–690, 2020.

65 LOPES JÚNIOR, Edmilson. Cangaceiros viajam de Hilux: as novas faces do crime organizado no Nordeste do Brasil. *Cronos*, v. 7, n. 2, p. 353–372, 2006.

66 AQUINO, Jania P. D. *Mundo do Crime e Racionalidade: os assaltos contra instituições financeiras*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2004.

67 Idem.

68 AQUINO, J. P. D. Performance e Empreendimento nos Assaltos contra Instituições Financeiras. *Antropolítica* (UFF), v. 2, p. 139–158, 2008.

2010a), as relações sociais nas quadrilhas (Aquino, 2010a⁶⁹, 2010b⁷⁰, 2017⁷¹, 2020⁷²) e a atuação do Primeiro Comando da Capital-PCC, a maior facção criminal do Brasil, no mercado dos grandes roubos na América do Sul (Aquino, 2019⁷³) e os assaltos contra bancos e empresas de guarda-valores em que cidades inteiras são tomadas por assaltantes (Aquino, 2020⁷⁴, 2023a⁷⁵, 2023b⁷⁶).

Conforme anteriormente assinalado, as ações contra bancos durante os anos 2000 chamavam a atenção pelas táticas de evitação de confrontos armados. A partir dos anos 2010, entretanto, passaram a predominar assaltos baseados na ostentação de violência física pelas quadrilhas (Aquino, 2023a⁷⁷). Estas ações, consideradas truculentas, começaram a ser registradas em todas as regiões do Brasil, vejamos este caso no interior de São Paulo:

Mega-assalto a bancos em Araçatuba faz moradores de escudo humano e deixou três mortos. Criminosos usaram drone para

69 AQUINO, J. P. D. *Príncipes e Castelos de Areia: Um estudo da performance nos grandes roubos*. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2010a.

70 AQUINO, J. P. D. *Redes e Conexões Parciais nos Assaltos contra Instituições Financeiras. Dilemas*, v. 4. 2010b.

71 AQUINO, J. P. D.; HIRATA, Daniel. Inserções etnográficas ao universo do crime: algumas considerações sobre pesquisas realizadas no Brasil entre 2000 e 2017. *BIB*, São Paulo, n. 84m (2), p. 107-147, 2017 (publicada em abril de 2018).

72 AQUINO, J. P. D. Saiba o que mudou nos roubos a bancos nas últimas décadas. *Boletim Fonte Segura*, São Paulo, p. 1-4, 11 dez. 2020.

73 AQUINO, J. P. D. Pioneiros: o PCC e a Especialização no Mercado dos Grandes Roubos. *Journal of Illicit Economies and Development*, v. 1, n. 2, 2019.

74 AQUINO, J. P. D. Saiba o que mudou nos roubos a bancos nas últimas décadas. *Boletim Fonte Segura*, São Paulo, p. 1-4, 11 dez. 2020.

75 AQUINO, J. P. D. Abordagens truculentas e domínio de cidades brasileiras em assaltos contra bancos mediante planejamento minucioso. *Sociologias* (UFRGS), v. 25, p. 1-34, 2023a.

76 AQUINO, J. P. D. Atracos a bancos mediante dominio de ciudades pequeñas y medianas en Brasil. *Espacio Abierto* (Caracas, 1992), v. 32, p. 134-152, 2023b.

77 AQUINO, J. P. D. Abordagens truculentas e domínio de cidades brasileiras em assaltos contra bancos mediante planejamento minucioso. *Sociologias* (UFRGS), v. 25, p. 1-34, 2023a.

monitorar a polícia e colocaram reféns em cima de veículo usado na fuga. Uma quadrilha de assaltantes protagonizou cenas de terror na madrugada desta segunda-feira na cidade de Araçatuba (localizada a 500 quilômetros a oeste de São Paulo), em uma ação que acabou com três mortos e envolveu roubos a duas agências bancárias e o uso de moradores como escudos humanos para a fuga. Um dos mortos no ataque é um dos suspeitos. Outras seis pessoas ficaram feridas, de acordo com as informações atualizadas nesta tarde pela Secretaria da Segurança Pública do Estado, que afirma que continua com as buscas dos assaltantes. Homens encapuzados chegaram depois da meia-noite, fortemente armados e com explosivos, em cerca de 10 carros. Espalharam-se pelo centro atirando, alvejaram o Batalhão de Ações Especiais de Polícia (Baep) com 30 tiros de fuzil, fecharam os acessos à cidade para impedir a entrada da polícia e assaltaram os bancos. Durante a fuga, os assaltantes tomaram vários moradores como reféns para evitar que fossem neutralizados pela polícia. Algumas das vítimas foram amarradas ao capô de seus veículos para facilitar a fuga, como mostram imagens divulgadas nas redes sociais por repórteres que cobrem o oeste paulista. Além das vítimas fatais, de acordo com a Santa Casa de Araçatuba, um ciclista teve os pés amputados por conta dos ferimentos causados pelos explosivos. (*El Pais*, 30 de agosto de 2021)

Este assalto, ocorrido na madrugada de 30 de agosto de 2021 em Araçatuba, ganhou destaque nas redes sociais e mídias brasileiras e estrangeiras, incluindo noticiários da América do Norte e Europa. A ação repercutiu, sobretudo, pelos suplícios infligidos aos reféns. Nesta ocorrência, parte das pessoas rendidas pela quadrilha foi fixada em tetos e capôs de caminhonetes conduzidas pelos assaltantes em fuga, que se locomoviam em alta velocidade até a saída da cidade. No percurso, um dos reféns posicionados no teto de um dos veículos caiu e, mesmo tendo escapado com vida, a quadrilha se irritou com a queda e o matou com nove disparos. As imagens dos corpos masculinos amarrados de braços abertos sobre os veículos e que, em larga medida, remetiam a ritos sacrificiais e ao simbolismo da crucificação, suscitaram comoção dentro e fora do país.

Assaltos como este que teve lugar em Araçatuba marcado por truculências, conforme assinalado, tornaram-se recorrentes no Brasil, a partir dos anos 2010, e têm sido designados, por delegados, jornalistas e populares pelo termo “novo cangaço”, em alusão a grupos de sertanejos que, na primeira metade do século XX, percorriam a região Nordeste e o norte de Minas Gerais, sitiando e saqueando cidades, vilas e fazendas, confrontando e abatendo forças policiais. Entre estes, o bando liderado por Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, foi o que se tornou mais conhecido em todo o país (Aquino, 2020⁷⁸; 2023a⁷⁹). Embora tais roubos mais truculentos, que têm sido chamados de “novo cangaço”, tenham começado a ser concretizados durante os anos 2000, nos estados do Rio Grande do Norte e Pernambuco (Lopes Júnior, 2006⁸⁰), foi apenas nos anos 2010 que se tornaram recorrentes e passaram a ocorrer em todo o país (Aquino, 2020⁸¹). Em um estudo para o Banco Central do Brasil, em que foi analisada a transição dos bancos comerciais tradicionais; de um modelo de negócios baseado em agências para um modelo focado no mercado digital, Mariani et al. (2023)⁸² assinalam que, no Brasil, tal transição está se dando de modo acelerado. Apenas entre 2016 e 2021 teriam sido 4.903 agências bancárias fechadas, em uma redução de 22%. Neste trabalho, a equipe de pesquisadores verificou que os ataques do chamado “novo cangaço” às sedes e aos equipamentos bancários, junto com a informatização das operações monetárias, têm sido os principais responsáveis pela extinção física de agências. Utilizando vasto

78 AQUINO, J. P. D. Saiba o que mudou nos roubos a bancos nas últimas décadas. *Boletim Fonte Segura*, São Paulo, p. 1-4, 11 dez. 2020.

79 AQUINO, J. P. D. Abordagens truculentas e domínio de cidades brasileiras em assaltos contra bancos mediante planejamento minucioso. *Sociologias* (UFRGS), v. 25, p. 1-34, 2023a.

80 LOPES JÚNIOR, Edmilson. Cangaceiros viajam de Hilux: as novas faces do crime organizado no Nordeste do Brasil. *Cronos*, v. 7, n. 2, p. 353-372, 2006.

81 AQUINO, J. P. D. Saiba o que mudou nos roubos a bancos nas últimas décadas. *Boletim Fonte Segura*, São Paulo, p. 1-4, 11 dez. 2020.

82 MARIANI, Lucas A. et Al. *Banks' Physical Footprint and Financial Technology Adoption*. Work Paper Series. Brasília: Banco Central do Brasil, March, 2023.

material fornecido pelo Banco Central, inclusive dados sigilosos, Mariani e equipe catalogaram, entre 2018 e 2021, 1.396 explosões de bancos, em 775 municípios, de 15 estados brasileiros, localizados nas cinco regiões do país (Mariani et al., 2023)⁸³. São estatísticas que elucidam a dimensão hiperbólica assumida pelo chamado “novo cangaço” como fenômeno social, que atualmente constitui a principal modalidade de crime contra o patrimônio público no Brasil, cuja incidência impressiona não só pela quantidade, mas pelas violências desferidas e os prejuízos causados. Ao provocar fechamentos temporários e definitivos de estabelecimentos bancários, estas ações criminais têm prejudicado economias de diversos municípios do país e a rotina de seus habitantes, sobretudo os que não têm acesso aos serviços digitais disponibilizados pelos bancos e passam a se deslocar para outras cidades apenas para realizar saques e outras transações bancárias corriqueiras (Aquino, 2020⁸⁴).

Embora seus executantes aparentem descontrole emocional e suas táticas soem rudimentares, estes assaltos constituem elaboradas operações criminais (Aquino, 2023b⁸⁵). Ao seguir na direção do alvo, os assaltantes usam armas modernas e de grosso calibre, balaclavas, coletes à prova de balas, além de outras indumentárias de combatentes. Mesmo almejando concretizar suas investidas sem enfrentar reações, as quadrilhas se preparam para enfrentar e trocar tiros com equipes policiais, seus participantes são “bons em pontaria” e habilidosos com diferentes tipos de armas, alguns deles se tornam *experts* na fabricação e no manuseio de artefatos explosivos. A expertise, a perícia e a experiência da quadrilha em atuar sob cerco se manifestaram na ação em Araçatuba, exatamente no detalhe do roubo mais “cruel” e rudimentar. Ao amarrar reféns em tetos e capôs de veículos em movimento, os assaltantes estavam se precavendo contra disparos

83 Idem.

84 AQUINO, J. P. D. Saiba o que mudou nos roubos a bancos nas últimas décadas. *Boletim Fonte Segura*, São Paulo, p. 1-4, 11 dez. 2020.

85 AQUINO, J. P. D. Atracos a bancos mediante dominio de ciudades pequeñas y medianas en Brasil. *Espacio Abierto* (Caracas, 1992), v. 32, p. 134-152, 2023b.

que poderiam vir de helicópteros ou de atiradores de elite posicionados no alto de prédios da cidade. A truculência observada nestas ações criminais constitui uma modalidade instrumental de violência, cuja “eficácia simbólica” é um dos seus aspectos marcantes. São *roubos* que produzem grande impacto visual e sonoro, instaurando nas cidades “sitiadas” dinâmicas sociais e psicológicas pautadas por perplexidade e assombro. Forças policiais e moradores são tomados de surpresa e, na maior parte das vezes, pouco podem fazer para resistir às *quadrilhas*. É recorrente que imagens dos assaltantes em ação sejam publicadas por habitantes amedrontados em redes sociais, alcançando enormes repercussões e quantidades de visualizações (Aquino, 2023b). Embora tais violências sejam significadas como performances por seus protagonistas, há casos em que quadrilhas se excedem no “desempenho dramático” a ponto de executar sumariamente reféns, como ocorreu em Araçatuba.

Nestas ocorrências, agrupamentos de assaltantes munidos com dados “privilegiados”, infraestrutura sofisticada e mão de obra qualificada conciliam truculência e racionalidade, tal como ressaltado por Wieviorka (1997)⁸⁶, operam usos fortemente “instrumentais” da violência, que nessas situações funciona como linguagem ordenadora, sobrepondo-se a outros signos e mediações. Equipamentos diversos, junto com vontade e habilidades humanas formam, portanto, genuínas “redes sociotécnicas” (Akrich et al., 2006⁸⁷) que conferem a esses roubos a precisão de “sistemas peritos” (Giddens, 1991⁸⁸). As “competências” dos assaltantes também compreendem teatralizações de comportamentos individuais e coletivos. A chegada triunfante nas cidades exibindo armamento moderno, incêndios de unidades policiais, implosões de agências bancárias e ameaças a moradores são ações vivenciadas como performance, em sua acepção de consciência e

86 WIEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. *Tempo Social*, v. 9, n. 1, p. 5–41, 1997.

87 AKRICH, Madeleine; CALLON, Michel; LATOUR, Bruno (eds.). *Sociologie de la traduction: textes fondateurs*. Paris: Presse des Mines, 2006.

88 GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

elaboração dramatúrgica dos componentes expressivos do comportamento em situações de interação presencial (Goffman, 1992⁸⁹). Ao contrário do que ocorre nos encontros sociais cotidianos analisados por Goffman (1992⁹⁰), cujos “atores” buscam produzir imagens positivas de si, “assaltantes de banco” mobilizam conhecimento e ferramentas expressivas, sobretudo corporais e sonoras, para fomentar as “piores” impressões sobre eles, amealhando eventuais oponentes. Se considerados rústicos e “descontrolados”, os riscos de enfrentarem reações são menores.

Participando continuamente de grandes roubos, saberes, técnicas e imagens de si são incorporadas e modificados continuamente por assaltantes. Ao invés de acidentais, as violências, tanto quanto atributo de ações, modulam relações, engajamentos, investimentos materiais, mentais e emocionais. As performances das quadrilhas expressam brutalidades, mas também cálculos que, por sua vez, condensam informações, vivências, saberes e ambições. Ao descrever essas ocorrências e veicular com sensacionalismo as atuações truculentas de assaltantes, mídias ampliam o alcance de suas performances, que transbordam o cenário presencial das cidades sob cerco, reforçando imagens e expectativas sobre crueldade e “periculosidade” de seus participantes. Cientes da visibilidade pública que ganham estes ataques armados, quadrilhas articulam “performances”, considerando o contexto imediato de cada assalto, mas também reverberações de outros roubos; assim, tornam suas ameaças mais “convincentes”. Cada assalto concretizado constitui êxito direto e material daquela investida em si, mas também, por meio de suas repercussões, reitera referências simbólicas instituídas sobre essa modalidade de crime e seus executantes.

89 GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

90 Idem.

Letalidade nos assaltos a bancos

Ao assumir um perfil mais agressivo, envolvendo abordagens estridentes com armas de grosso calibre e uso de explosivos, os assaltos contra bancos, que têm sido chamados de “novo cangaço”, tornaram-se uma modalidade de crime letal, que difunde pavor e medo nas cidades tomadas como alvo. Tais características têm desencadeado aos participantes destes crimes, perseguições policiais marcadamente violentas e orientadas por anseio de extermínio. Um levantamento, publicado no dia 6 de junho de 2022 no portal de notícias Uol, realizado pelo jornalista Herculano Barreto, demonstra que entre 2011 e 2022 foram registrados, no país, 16 assaltos contra bancos ou empresas de guarda-valores, os quais resultaram em cinco ou mais mortes. O quadro abaixo discrimina as 16 ocorrências identificadas pelo levantamento, listando a quantidade de mortos em cada uma delas, o local e a data em que foram registradas. Vejamos:

DATA	LOCAL	NÚMERO DE MORTES
07/12/2018	Milagres-CE	14
06/2/2015	Salvador-BA	12
04/4/2019	Guararema-SP	11
08/4/2018	Águas Belas-PE	11
26/02/2011	Lauro de Freitas-BA	10
02/9/2019	Girau do Ponciano-AL	9
22/2/2014	Itamonte-MG	9
05/5/2019	Cocau-PI	9
28/9/2019	Padre Carvalho-MG	9
16/10/2015	Sento Sé-BA	9
28/6/2021	Nova Bandeirantes-MT	9
08/12/2021	Novo Orixás-GO	8
06/3/2020	Paraí-RS	7
28/2/2018	Campinas-SP	7
03/6/2022	Miranorte-TO	6
30/8/2021	Araçatuba-SP	5

Soma e especificação das mortes:

Soma de mortes	215
Assaltantes e suspeitos	188
Transeuntes e reféns	17
Profissionais da Segurança Pública	10

Das 16 ocorrências com cinco ou mais mortes catalogadas no período de 2011 a junho de 2021, sete ocorreram na região Nordeste, seis no Sudeste, uma no Sul, uma no Norte e uma no Centro-Oeste. Apesar de uma maior concentração nos estados do Nordeste e do Sudeste, as ocorrências do chamado “novo cangaço” com desfecho trágico têm sido registradas nas cinco regiões do Brasil. Verifica-se a soma de 215 óbitos nos casos acima elencados, dos quais 188 são de assaltantes ou de suspeitos de participação em assaltos, 17 são de pessoas tomadas como reféns por assaltantes ou que transitavam nas proximidades dos locais onde ocorreram assaltos, e 10 são de profissionais da Segurança Pública. Estes números apontam para uma elevada letalidade nestas ocorrências, que foi intensificada a partir da segunda metade do decênio 2010. Embora também demonstrem que as quadrilhas de assaltantes e suas estratégias de abordagens são mortíferas, o que mais chama a atenção nos dados acima expostos é quantidade de assaltantes ou suspeitos mortos por polícias, em diversos estados do país (188 das 215 mortes). Tais números expõem a necessidade de investigar as circunstâncias em que tantas mortes de assaltantes têm se dado, assim como a relevância de se pensar em critérios e requisitos para perseguições policiais no país. É evidente a banalização do extermínio na repressão ao chamado “novo cangaço”. As mortes de assaltantes têm se dado em grande quantidade e vêm sendo tratadas como meras contingências da atividade policial regular. Investigações rigorosas de atuações violentas e de mortes de assaltantes por forças de segurança pública têm sido efetuadas apenas quando irregularidades e excessos são flagrantes, como na chacina de Varginha.

No dia 31 de outubro de 2021, uma ocorrência em Varginha, no estado de Minas Gerais, deu visibilidade a crimes e atrocidades de equipes policiais contra supostos assaltantes. Na ocasião, 26 suspeitos de estarem planejando roubos contra bancos do sul mineiro foram executados por agentes da Polícia Rodoviária Federal e da Polícia Militar. Na versão apresentada à imprensa pela PM e a PRF, os supostos assaltantes teriam disparado contra as equipes policiais, em dois sítios onde estariam abrigados, ambos localizados no município de Varginha. Vejamos esta notícia:

Varginha: Polícia mata 25 criminosos do “novo cangaço” que planejavam assaltos. A Polícia Militar e a Polícia Rodoviária Federal (PRF) realizaram uma operação conjunta e desmantelaram uma quadrilha de assalto a bancos de alta periculosidade, conhecida como “novo cangaço”, em Varginha, no sul de Minas Gerais, neste domingo (31). Vinte e cinco criminosos morreram em confronto com as polícias durante a operação, e vários ficaram feridos. O confronto ocorreu em duas chácaras da cidade. Na primeira, 18 criminosos, foram mortos quando atacaram os policiais. Na segunda chácara, foram sete mortos. O grupo estava armado com um arsenal de guerra, explosivos e coletes à prova de balas. “Posso adiantar que esta é a maior operação referente ao ‘novo cangaço’ no país. Muitos infratores fariam um roubo a banco, provavelmente na data de amanhã ou hoje, e foram surpreendidos pelo nosso serviço de inteligência integrado com a PRF. Foi uma ação conjunta que resultou na apreensão de armamentos, além de explosivos e coletes à prova de balas que eram utilizados por esses infratores” informou a capitão Layla Brunela, porta-voz da PM-MG. [...] “O que temos até agora é que houve essa grande apreensão e vários criminosos estão sendo socorridos” conclui a capitão. A PRF informou, por meio de nota, que “a quadrilha possuía um verdadeiro arsenal de guerra, sendo apreendidos fuzis, metralhadoras ponto 50, explosivos e coletes à prova de balas, além de vários veículos roubados. Foram arrecadados ainda diversos “miguelitos” (objetos perfurantes feitos com pregos retorcidos usados para furar os pneus das viaturas policiais)”. Dentre o armamento apreendido está uma arma de calibre .50, utilizada pelas forças armadas.

“Ela tem uma munição antitanque de alta energia. Nossos policiais correram muito risco de morte por conta desses infratores. Graças a Deus uma ação de inteligência em sintonia da PM com a PRF, uma ação muito importante que mostra a sinergia no estado de Minas, fazendo com que esse arsenal fosse apreendido e os policiais que trocaram tiros numa posição privilegiada, mantendo-se incólumes, isso é uma notícia importantíssima”, afirmou o tenente-coronel Flávio Santiago, chefe da assessoria da PM-MG. A quadrilha tinha também uniformes, carregadores das armas prontos para o crime e estavam com uma série de galões de gasolina. O arsenal de armas apreendido com os criminosos está sendo contabilizado. “Eles tinham uniformes e vestimentas próprias que seriam utilizadas por esses infratores, coletes balísticos, joelheiras, coturnos, até mesmo algumas roupas camufladas. Os carregadores das armas, todos já municiados e em condições de resposta, foram apreendidos desta maneira. Armamentos de todos os calibres, fuzis, escopetas calibres .12, miguéritos que são usados para poder furar o pneu de viaturas, vários galões de combustível, explosivos e tem material chegando a todo tempo”, informou a porta-voz da Polícia Militar, capitão Layla Brunela. Segundo ela, “um arsenal bélico capaz de fazer frente às nossas guarnições, (eles) entraram em confronto com nossos policiais militares e tiveram a resposta devida. Queremos evitar de toda maneira o confronto, não vamos comemorar nenhuma morte, não é a intenção da Polícia Militar, nem da Polícia Rodoviária Federal, mas uma ação precisa do trabalho conjunto das polícias. Ações como essa sempre serão pautadas dentro da legalidade e aqui só fizemos responder o risco que nossos policiais militares sofreram”, complementou a capitão. Nenhum policial e nenhum civil ficou ferido na ação. “Graças a Deus, os policiais passam bem e por uma ação de inteligência junto com a PRF. Não é à toa que Minas Gerais é o estado mais seguro do Brasil”, conclui o tenente-coronel. (*O Tempo*, 31/10/2021).

Nas declarações dos profissionais de segurança, entrevistados na reportagem, são enaltecidas as dimensões da ação repressiva, designada como “a maior operação policial referente ao novo cangaço”, assim como o triunfo bélico alcançado sobre a suposta quadrilha de assaltantes. As

reportagens dos primeiros dias após a ocorrência noticiaram 25 mortos. Nos dias seguintes, a Polícia Militar mineira veio a público explicar que tinha sido 26 o número de pessoas abatidas. De todo modo, soou destoante do que se espera de forças de segurança pública em uma sociedade democrática, a PM e a PRF, por meio de seus oficiais e assessores de imprensa, convocarem jornalistas para mostrar mais de duas dúzias de cadáveres, trivializando o extermínio dos supostos assaltantes e exaltando a performance combativa de seus profissionais. Conforme elucida a reportagem acima, uma chacina policial de grandes proporções foi apresentada como uma operação bem conduzida e exitosa. Mas tais versões “oficiais” do ocorrido suscitaram desconfianças e pedidos de investigações pelo Ministério Público e a Assembleia Legislativa de Minas Gerais, assim como de algumas ONGs atuantes nas pautas dos Direitos Humanos. Não tendo sobrevivido nenhum dos supostos assaltantes, as narrativas dos policiais envolvidos no caso se tornaram uma espécie “versão única” e autovalidada. Causou estranheza uma “quadrilha perigosa” ter sido integralmente abatida sem conseguir ferir ou matar nenhum policial, mesmo dispondo de armamentos de grosso calibre, munições e explosivos. Alegando a necessidade de socorro aos feridos no enfrentamento armado, agentes da PM-MG, antes da chegada da Perícia Forense, alteraram os cenários da chamada “cena do crime” nos dois sítios onde teriam se dado os confrontos.

Acionada para investigar as 26 mortes em Varginha, a Polícia Federal, no dia 22 de fevereiro deste ano, apresentou um extenso relatório, elucidando diversas ilegalidades cometidas pelos profissionais de Segurança Pública envolvidos no caso e indiciou 39 agentes (23 do grupo de elite da PRF e 16 do Batalhão de Operações Especiais-BOPE da PM) por homicídio qualificado, tortura e fraude processual. Vejamos trechos desta reportagem, que detalha o inquérito da PF:

Mortes, tortura e alteração das cenas do crime: PF detalha ação de policiais que terminou com 26 mortos em MG. O inquérito da Polícia Federal que indiciou 39 policiais por crimes que teriam

sido cometidos na operação que deixou 26 mortos em outubro de 2021 em Varginha (MG) detalha toda a ação contra uma quadrilha que planejava assaltar um banco na cidade. [...] O inquérito da Polícia Federal concluiu que dois dos suspeitos foram interceptados em um posto de combustíveis em Muzambinho (MG) por volta de 2h53 do dia 31 de outubro e levados para Varginha. Francinaldo Araújo da Silva, motorista do caminhão que daria fuga aos criminosos após o assalto, e Gleisson Fernando da Silva Moraes, apontado como um dos mentores do roubo a banco, sofreram torturas físicas e psicológicas neste itinerário e tiveram seus corpos colocados entre aqueles que foram mortos no sítio. [...] O relatório final da Polícia Federal apontou que os criminosos foram surpreendidos com a chegada da polícia e foram alvejados. Ainda conforme a PF, não houve a forte resistência com armas longas por parte dos suspeitos, conforme alegado pelas forças de segurança na época e não existem indícios de que um combate aconteceu. [...] No relatório, a PF afirma que os fatos investigados, na forma como ocorreram e considerando o envolvimento das personagens que deles participaram, não possuem precedentes na história nacional. [...] O relatório da PF afirma que no dia 31 de outubro de 2021, por volta de 5h, aproximadamente 40 policiais entraram em um sítio no bairro Recanto Dourado, o sítio 1, em Varginha (MG) e lá mataram 16 indivíduos que se preparavam para executar um grande roubo na cidade. Outros dois corpos foram contabilizados como mortes na cena do crime. Na sequência, um grupo formado por 12 destes policiais rumou para um segundo sítio no bairro Lagoinha, o sítio 2, e lá foram mortos mais oito suspeitos. [...] A investigação da Polícia Federal também apontou inconsistência nos depoimentos dos policiais que participaram da ação em Varginha. “Ficou patente que o relato dos policiais rodoviários e dos policiais militares foi uma criação fictícia, previamente acertada entre eles, com vistas a elidir a responsabilidade pelos excessos cometidos”. Conforme a PF, na fantasiosa versão para o ocorrido, consta que os policiais tensionavam uma ação escorregia de promover a prisão de suspeitos quando foram surpreendidos por injusto ataque de arma de fogo. Não restando opção, os policiais revidaram e se sucedeu vigoroso e intenso combate. Ao final, todos os “meliantes” foram abatidos e nenhum policial foi alvejado, vez que a técnica prevaleceu

sobre a força. O mesmo relato “inautêntico” foi empregado para descrever nos sítios 1 e 2, aponta a PF. A perícia da Polícia Federal conseguiu identificar nos locais elementos biológicos de 19 dos 26 mortos em diversos ambientes dos dois locais de crime. A PF afirma que, somados a outros elementos, tem-se um forte indicativo de onde quase todos os mortos foram alvejados por armas de fogo. Os laudos ainda trouxeram considerações que desconstruíram a versão apresentada pelos policiais. “O que houve no dia 31 de outubro de 2021 nos sítios 1 e 2 foi uma ação desacertada da polícia que, surpreendendo suspeitos que preparavam a execução de grave crime violento, acabou por matar a todos”, aponta a PF. [...] O relatório também afirma que os criminosos não dispunham de armas quando as forças policiais entraram nos imóveis e que houve adulteração dos locais de crime por parte dos policiais. “Apesar dos sinais consistentes de resistência no sítio 2, os vestígios indicaram que os armamentos longos atribuídos àquele local, divulgados em fotografias à imprensa, inclusive a metralhadora calibre .50, teriam sido introduzidos na cena em momento posterior ao confronto. A análise preliminar da sala (de um dos sítios) indicou que o ambiente passou por adulterações deliberadas e não relacionadas com a dinâmica de entrada tática e confronto com eventuais sujeitos”. O relatório também aponta que disparos de armas de fogo atribuídos aos criminosos também foram adulterados pelos policiais. “Os consistentes indicativos de que os tiros no muro frontal e lateral foram produzidos depois do domínio da situação conduzem à conclusão de que foram efetuados pelos policiais, com o possível propósito de simular resistência que não existiu”. [...] A Polícia Federal afirma no inquérito que não houve efetivo socorro aos feridos. “Tal qual observado no sítio 1, a análise global dos elementos objetivos indicou não ter havido efetivo socorro aos feridos do sítio 2. As imagens do circuito do Hospital Bom Pastor mostram que os corpos ali chegaram (seis corpos do sítio 1 e oito do sítio 2) transportados empilhados no compartimento de carga das caminhonetes, sob a capota marítima. No primeiro veículo que trouxe os sujeitos do Sítio 2, via-se policial sentado sobre os corpos, em condição incompatível com eventual prestação de socorro. Vale dizer também, a dita prestação de socorro, em verdade, decorreu da intenção de inovar local de crime”. [...]”. Afora os horrores

narrados, o que ficou latente é o registro uníssono de que os nosocômios receberam somente cadáveres. Não houve sequer um lampejo de prestação de primeiros socorros. [...] Observa-se que não há movimentação compatível com prestação de socorro ou a realização de quaisquer manobras de urgência pelos servidores da UPA. Ao contrário, a maioria dos corpos foi retirada do veículo e imediatamente recoberto com lençóis brancos, sugerindo não haver dúvidas sobre a ausência de vida”. O inquérito da PF também aponta que uma das vítimas “foi socorrida” com o crânio aberto, sem massa encefálica, em decorrência do disparo de fuzil em sua cabeça. A investigação apontou que o tempo estimado entre o domínio da situação no sítio 1 e o início do transporte dos baleados para a UPA e o Hospital Bom Pastor foi superior a 50 minutos. A PF afirma que somente esse fato já contradiz a versão de prioridade de se prestar efetivo socorro. Os bombeiros militares de Varginha e o Samu foram oficiados e responderam não terem recebido qualquer acionamento. A PF afirma que todos os policiais que estiveram nos locais dos crimes imediatamente após os eventos de tiro agiram para dificultar os trabalhos investigativos. Aqueles que estiveram nos locais, ainda que não tenham participado da inovação e adulteração desses locais, por omissão dolosa, contribuíram para o resultado criminoso. (G1, Sul de Minas, 24 de fevereiro de 2024)

Atualmente, os profissionais de Segurança Pública indiciados aguardam o fim dos trabalhos investigativos e as possíveis condenações judiciais dos crimes pelos quais estão sendo investigados. A Polícia Rodoviária Federal afastou seus 23 agentes indiciados, mas os mesmos conseguiram na Justiça o retorno às atividades profissionais, até que haja julgamento e sentença para as mortes dos 26 supostos assaltantes em Varginha. O referido relatório apresentado pela Polícia Federal, depois de mais de um ano de investigações, é de grande relevância para elucidar irregularidades e excessos que parecem recorrentes na atuação de polícias de diferentes estados no combate aos assaltos contra bancos. Ao contrário de outros episódios acentuadamente letais, em que a dimensão de execução sumária é prontamente identificada e denunciada pelos ativismos em direitos humanos e

por veículos de mídia, sendo devidamente designados como “chacinas”, os extermínios de “assaltantes de bancos” têm sido noticiados a partir de enquadramentos e classificações que, ao invés de lhes dar visibilidade e propiciar as devidas mobilizações e denúncias, muitas vezes são apresentados como efeitos colaterais usuais de operações policiais ou desdobramentos trágicos de investidas criminosas audaciosas. Em um país onde segmentos numericamente expressivos da população acreditam que “bandido bom é bandido morto”, a aniquilação de homens que fazem cerco a cidades, subjugam populações e atacam polícias, em muitos contextos, passam “providencialmente” despercebidas.

No primeiro semestre deste ano, uma tentativa de roubo contra uma empresa de guardavalores no estado do Mato Grosso também chamou a atenção pelos resultados letais, foram quase 20 mortos. O caso foi registrado no dia 9 de abril no município de Confresa, que tem cerca de 40 mil habitantes. Na ocasião, a quadrilha provocou consideráveis danos ao patrimônio público, invadiu o quartel militar e produziu um incêndio no local, além de destruir o transformador de energia da cidade para dificultar a comunicação entre policiais e impedir a transmissão de imagens dos assaltantes pelas câmeras de segurança. Depois de demolir parte do muro da empresa de guarda-valores que seria roubada e de tentar implodir o cofre do estabelecimento, a quadrilha foi interceptada por um dispositivo de segurança, que disparou jatos de gás em grande quantidade, impedindo a efetivação do assalto (Aquino, 2023c⁹¹). Estas ofensivas intempestivas dos assaltantes desencadearam a “operação Canguçu”, uma força-tarefa de busca e apreensão que durou 38 dias e envolveu efetivos policiais de cinco estados (Mato Grosso, Tocantins, Goiás, Pará e Minas Gerais), mobilizando um contingente de mais de 300 profissionais da Segurança Pública.

Devido às grandes extensões de áreas rurais e florestas nas proximidades de Confresa, a operação Canguçu foi anunciada em diversas mídias

91 AQUINO, J. P. D. Tentativa frustrada de assalto em Confresa-MT mostra a relevância das estratégias de prevenção. *Boletim Fonte Segura*, São Paulo, p. 8, 16 jun. 2023c.

como uma “caçada”, termo usado principalmente em referência ao abate de animais silvestres por homens armados, seja com fins de alimentação e sobrevivência material, ou meramente recreativo. Tendo ensejado 13 confrontos armados entre policiais e bandidos em fuga, a operação Canguçu resultou em cinco prisões e 18 mortes de assaltantes, configurando uma atuação policial marcadamente letal. No dia seguinte ao fim da chamada “caçada”, ao invés de os participantes passarem por interrogatórios de superiores ou de serem abertas investigações para elucidar os contextos em que os assaltantes foram abatidos – já que não havia videomonitoramento nas regiões onde houve as buscas e se desenrolaram “trocas de tiros” entre fugitivos e policiais –, o Quartel do Comando Geral de Confresa, homenageou com medalhas de honra ao mérito os policiais daquele município que estiveram na “Operação Canguçu” e, na mesma semana, a Câmara Municipal de Paraíso, cidade tocantinense que enviou reforços para a operação, também premiou com medalhas os policiais do município envolvidos na caçada.

Tamanha condescendência ou celebração de violências efetuadas por forças de segurança pública, envolvendo perseguições a assaltantes do chamado “novo cangaço”, não constitui um caso isolado. São recorrentes as declarações de prefeitos e governadores em apoio a equipes policiais em situações, cujos excessos em suas atuações são evidentes e ganham repercussão midiática. No caso em que a PM e a PRF apresentaram narrativas fraudulentas sobre a operação que resultou em 26 mortes em Varginha, em 2021, o governador Romeu Zema parabenizou a Polícia Militar e a Polícia Rodoviária Federal, alardeando que “em Minas a criminalidade não tem vez”. Em 2019, quando a PM paulista matou em um confronto 11 homens que tentaram assaltar uma agência bancária, em Guararema, João Dória, governador de São Paulo no período, homenageou os policiais que participaram da ação com o prêmio “Polícia nota 10” e os congratulou “por mandarem para o cemitério esses 11 bandidos”. Em dezembro de 2018, uma tentativa de assalto contra duas agências bancárias em Milagres, no Ceará, desencadeou um embate armado entre polícia e quadrilha, que resultou

nas mortes de oito assaltantes e seis reféns. Na ocasião, o então governador do estado, Camilo Santana, em entrevistas sobre a tragédia, avalizou o desempenho da polícia no caso e lançou a suspeita de que todos os mortos no confronto faziam parte da quadrilha, hipótese que as investigações vieram a negar. Considerando que os gestores mencionados são políticos de carreira que buscam apoio popular para garantir suas eleições e reeleições, tais personagens costumam estar inteirados sobre aprovações e rejeições a determinadas ações e posicionamentos no campo da segurança pública. Deste modo, as referidas falas não teriam sido divulgadas sem que estes políticos tivessem ciência de sua concordância com visões e valores de vastos segmentos da sociedade, se não a maioria dos votantes.

Considerações finais

Em alguma medida, a mesmas performances de quadrilhas do chamado “novo cangaço” que garantem a rendição das vítimas e a obstrução da atuação policial também produzem, no campo das moralidades e das subjetividades, sobretudo em pessoas que tiveram suas cidades sitiadas, a aceitação e até mesmo o anseio pelo abate dos assaltantes. Os modos de abordagens de alvos impactantes e barulhentos, acionados por estas quadrilhas, conforme assinalado neste texto, causam impactos psicológicos nas populações de cidades pequenas e médias atacadas, tendo sido registradas diversas agressões e mortes de reféns.

Os assaltos contra bancos, caracterizados por abordagens truculentas e que se tornaram predominantes a partir dos anos 2010, têm, portanto, difundido um acintoso anseio punitivo, manifestado como demanda social por resposta às atuações audaciosas de quadrilhas. Tamaña comoção costuma ser tomada por equipes policiais, que se sentem insultadas e atacadas nas ocasiões destes roubos, como uma espécie de “licença moral” para a aniquilação dos assaltantes. Mesmo matanças como a que ocorreu em Varginha em 2021 – que, após a publicação do relatório da Polícia Federal, passou a ser designada pelo termo “chacina” em veiculações midiáticas e

está se encaminhando para o julgamento e a punição dos acusados – não costumam ter a mesma repercussão de outras chacinas policiais, como a da favela do Jacarezinho, no Rio de Janeiro, também ocorrida em 2021, cujas vítimas não tinham nenhum envolvimento com atividades criminais. No Brasil, persiste forte a crença de que “bandido bom é bandido morto”. Deste modo, homens que invadem cidades, fazem reféns, destroem patrimônio público e disseminam medo, convertem-se em “condenados” e “desmerecidos” na escala moral dos que relativizam o extermínio de pessoas estigmatizadas e consideradas “perigosas” ou “indesejáveis” por forças policiais.

As quantidades elevadas de mortes em assaltos contra bancos a partir dos anos 2010, também expressam a disseminação de um padrão de atuação exterminador adotado pelas Polícias nas periferias do Rio de Janeiro, desde meados dos anos de 1980, quando se consolidaram o tráfico de drogas e as facções criminais nas periferias cariocas. Nas últimas décadas, a letalidade na atuação policial tem sido expressiva em todas as regiões do país. Esse perfil mais violento das forças de segurança pública no plano nacional, e os modos de abordagens de alvo mais truculentos adotados por quadrilhas de assaltantes de bancos, tornaram esta modalidade de crime consideravelmente mortífera. Ademais, as dezenas de óbitos ensejados pelas ações do chamado “novo cangaço” e, sobretudo, pela repressão policial a estes crimes chamam a atenção para um cenário de negação da cidadania e das prerrogativas do Estado de Direito promovidas por forças de segurança pública no Brasil. A banalização do extermínio como prática de agentes do Estado demonstra que o respeito aos direitos humanos e às garantias constitucionais não tem sido um parâmetro relevante no cotidiano de vastos segmentos de profissionais da Segurança Pública.

Os dados apresentados e a discussão desenvolvida neste texto evidenciam a gritante necessidade de critérios para as perseguições aos suspeitos de cometer crimes no país, assim como regras e requisitos para situações em que equipes policiais podem provocar ou se envolver em confrontos armados. A rigor, este artigo elucida a pertinência e a relevância do recente Decreto nº 12.341, do Governo Federal, publicado no dia 23 de dezembro de

2024. Trata-se de regulamentação ao uso de armas de fogo por profissionais de segurança pública, que devem utilizá-las apenas como último recurso e o nível de força deve ser compatível com a gravidade da situação. O decreto também estabelece que os órgãos e profissionais de segurança pública assumam a responsabilidade pelo uso inadequado da força. Para evitar que seja ignorado por governadores e profissionais de segurança pública, o decreto condiciona a liberação de recursos federais para aos estados ao seu cumprimento por governadores e profissionais de segurança pública. Tendo em mente a elevada incidência de mortes na repressão policial aos assaltos contra bancos a partir dos anos 2010, este decreto emerge como uma conquista democrática de grande relevância. Constitui uma oportunidade para nossas forças de segurança aprimorarem seus saberes e práticas, levando a dimensão intelectual e investigativa de seu trabalho a ganhar primazia ante o uso da força e o abate de suspeitos.

Fontes da imprensa consultadas

BARRETO FILHO, Herculano. Ações de “novo cangaço” tiveram ao menos 197 mortes, aponta levantamento. UOL, 06/06/2022. Link: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/06/06/acoes-novo-cangaco-mortos.htm>

GORTAZAR, Mayara G. Mega assaltos a bancos em Araçatuba faz moradores de escudo humano e deixa três mortos. *El País*, São Paulo, 30/08/2022. Link: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-08-30/mega-assalto-a-bancos-em-aracatuba-faz-moradores-de-escudo-humano-e-deixa-tres-mortos.html>

OLIVEIRA, Natália. Varginha: Polícia mata 25 criminosos do Novo Cangaço que planejam assaltos. *O Tempo*, Contagem, 31/10/2021. Link: <https://www.otempo.com.br/cidades/varginha-policia-mata-25-criminosos-do-novo-cangaco-que-planejavam-assaltos-1.2563350>

G1 Sul de Minas. Mortes, tortura e alteração das cenas do crime: PF detalha ação de policiais que terminou com 26 mortos em MG. (sem autoria especificada), 28/02/2024. Link: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2024/02/28/mortes-tortura-e-alteracao-das-cenas-do-crime-pf-detalha-acao-de-policiais-que-terminou-com-26-mortos-em-mg.ghtml>